Boletim Operário 325

Caxias do Sul, 20 de fevereiro de 2015.

O Paiz
Rio de Janeiro
3 de dezembro de 1890.
A Greve

Não terminou infelizmente ontem a greve dos cocheiros e carroceiros, a despeito mesmo das afirmações oficiais publicadas em toda a imprensa, de que nenhuma medida fora tomada de forma a oprimir essa pobre gente, cuja credibilidade se esta explorando, com sacrifício de todas as classes sociais.

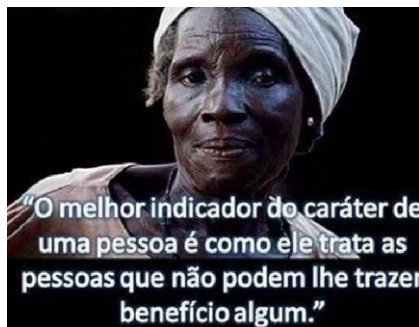
E certo que ontem houve mais calma e mais reflexão no espirito dos grevistas, mas eles não voltaram ao trabalho, o que, como era de esperar, fez manter a inquietação e sobressalto, dos quais, mal grado seu não se pode tirar a população.

Convencidos de que aquele primeiro boato não passou de uma farsa indigna; por meio da qual indivíduos menos escrupulosos criaram a situação em que todos nos encontramos, os cocheiros e carroceiros reclamam agora contra a pena de 2 meses a 2 anos de prisão, estabelecidas no Código Penal para aqueles que por imperícia ou imprudência cometerem homicídio com os seus veículos.

O Código Penal não criou nenhuma inovação, mas apenas reeditou a punição já estabelecida em aditamento ao antigo código, que cogitava como cogita aquele, de todos os delitos, não excepcionalmente para os cocheiros, mas para toda a comunidade, sem distinção de sexo ou de condição.

Contra esta pena não se podem rebelar os grevistas, porque seria isso estabelecer um direito de anarquia, da qual fatalmente participariam todos quantos se tornassem criminosos.

Esta que é a verdade e não o que lhes estão naturalmente soprando aso ouvidos, quem quer que seja que procura turvar a marcha regular da sociedade, para daí chegar a planos que só concebem os espíritos enfermos, ou os desvairados por ideias reprovadas.

A Companhia Jardim Botânico, honrando as suas tradições, envidou todos os esforços para que o serviço fosse ontem feito regularmente e isso conseguiu.

Ao mesmo tempo a sua diretoria habilitou o gerente Doutor Cintra a gratificar extraordinariamente todo o pessoal que soube cumprir o seu dever e a expulsar do trabalho o que se envolveu na greve e que nunca mais deve ser readmitido na companhia.

Na Companhia de S. Cristóvão repetiu-se o mesmo fato que anteontem se deu. Os poucos cocheiros que foram até lá se recusaram formalmente a fazer o serviço que lhes competia.

Essa recusa começou logo pela madrugada. As 3 ½ horas da manhã foram sucessivamente chamados diversos cocheiros para sair com o primeiro carro, da linha do Caju. Não houve nenhuma que se resolve a isso. Afinal foi acordado um deles que trabalhara na véspera, e esse fez a viagem para a referida linha.

Mais tarde, porém, tanto por fazer parte dos grevistas como pelo receio de ser atacado na rua, nenhum se decidia a trabalhar, e o gerente da companhia foi obrigado a pedir aos condutores que se prestassem a servir de cocheiros.

Estes trabalharam durante todo o dia, apesar das vaias com que por diversas vezes foram recebidos pelos grevistas no Largo de S. Francisco. Foram protegidos nas viagens que fizeram por Praças do Regimento Policial.

A mesma coisa sucedeu na Companhia Vila Isabel e na de Carris Urbanos. Também em cada uma delas os condutores se prestaram a guiar os animais.

É necessário, porém, honrar a do Jardim Botânico, as suas diretorias e gerencia envidaram todos os esforços para que o público sofresse o menos possível.

As autoridades policiais muito concorreram para o funcionamento desse meio de locomoção.

Algumas carroças que saíram para serviço urgente foram guardadas por praças de cavalaria de policia, todas municiadas.

Os carros da empresa funerária, no trajeto para os diversos cemitérios, foram protegidos ou por lanceiros ou clavineiros dos corpos de cavalaria do exército, ora por praças de cavalaria do regimento policial.

Nenhum desses carros fúnebres levou acompanhamento, por falta de carruagens na praça, e muitos deles levavam na boleia, ao lado do cocheiro, uma praça de infantaria, armada e municiada.

O transporte das carnes depositas na estação de S. Diogo foi feito desde pela madrugada até cerca de 11 horas da manhã em caminhões e em algumas das carroças que de ordinário servem para semelhante fim.

Serviram de cocheiros algumas praças do corpo de bombeiros, protegidos por praças de infantaria de polícia e do exército. Os veículos eram escoltados por soldados de cavalaria.

Como na véspera, não apareceram nem carroças, nem carros, nem tilburys na praça. Quem não conseguiu apanhar um dos raros e demorados bonds que vieram à rua, marchou para sua casa a pé.

Dos arrabaldes para a cidade também veio muita gente, calçante pede, por não poder esperar os bonds e principalmente no Largo de S. Francisco grandes grupos de moradores dos bairros servidos pelas diversas linhas. Os bonds eram quase que disputados a força, com grande Gaudio dos cocheiros, reunidos ali perto, que não cessavam de vaiar seus improvisados substitutos.

Os bondes da Companhia Vila Isabel, destinados a condução da carne para os açougues desse bairro, também foram escoltados como os veículos precedentes.

Os Senhores Silva Carvalho & C. proprietários da cocheira de caminhões estabelecida no Largo do Depósito, ordenaram aos seus cocheiros que saíssem com os carros pela manhã.

Dois deles que passavam com os seus caminhões pela Rua da Saúde foram brutalmente agredidos pelos grevistas e tiveram de regressar para aquele estabelecimento.

Por semelhante motivo não saiu mais a Rua nenhum veículo da referida cocheira.

Alguns proprietários de carroças e caminhões foram pela manhã à polícia e aí conferenciaram com o Senhor Doutor Agostinho Vidal.

Disseram eles que tinham conseguido obter pessoal para trabalhar com os seus veículos, mas que precisavam de que a polícia lhes garantisse a vida dos seus empregados.
O Senhor Doutor Chefe de Polícia interino prometeu providenciar como lhe fosse possível.
Com a mesma autoridade também conferenciaram alguns diretores e gerentes das companhias de bonds.
Além dessas pessoas esteve na Secretaria de Polícia o Senhor Doutro Campos Sales, Ministro da Justiça, que conferenciou com o Senhor Doutor Agostinha Vidal, com o Senhor Doutor 4º Delegado e com o General Bernardo Vasques Sua Excelência, acompanhado por este oficial, seguiu depois para o quartel general do exército.
Todas as autoridades policiais rondaram os seus respectivos distritos durante a noite (inelegível) cavalaria que rondava a Rua Conde D'Eu foi agredida junto ao chafariz do Lagarto por um grande grupo de indivíduos, que a recebeu a tiros de revólver. Os soldados agredidos dispararam as suas armas contra o grupo. Este se dissolveu imediatamente, indo os indivíduos que o compunham refugiar-se numa estalagem da vizinhança.
Ao voltar à patrulha, foi de novo agredido naquele mesmo local. Acudiram-lhe algumas praças de polícia, que puseram os agressores em fuga.
Agora outras ocorrências de ontem. A força de cavalaria que guardava a estação de S. Diogo foi agredida a pedradas e tiros de revólver.
A praça de polícia João Vaz foi espancada na Rua de S. Diogo por um grupo de grevistas, que se evadiram, recolhendo-se ferida a mesma praça à enfermaria do seu quartel.
As 10 ½ da manhã, ao passar pela Rua Senador Eusébio o bond nº 41 da Companhia Vila Isabel, foi disparado um tiro de revólver contra Miguel Caetano de Souza, que nele servia de cocheiro. A bala atingiu-o na coxa direita, mas o ferimento é considerado leve.
Um carroceiro da casa dos Senhores Silva Carvalho & C., que parara com o seu veículo no Largo de S. Francisco da Prainha, foi gravemente ferido no pulso direito por um caco de garrafa que lhe atiraram. Recolhido primeiro ao escritório daqueles senhores seguiu depois para sua residência.
Manoel Joaquim e Simão Moraes foram presos na Rua da Prainha. Estavam ambos aliciando indivíduos que fossem com eles atacar os cocheiros não incluídos no número dos grevistas.
Levados a estação de polícia mais próxima, foram revistados e ficaram detidos. Morais tinha no bolso um revólver carregado com seis capsulas.
Um condutor da Companhia de Vila Isabel, que passava guiando um bond pela Rua de S. Leopoldo, recebeu um tiro de revólver no braço esquerdo. Depois de medicado, recolheu-se à sua residência.
Outro condutor, este da Companhia de Carris Urbanos, ao passar pela Rua de São Diogo com o bond que estava guiando, foi agredido pelo Cocheiro Custódio José Marques. Para defender-se puxou de uma faca e feriu a Custódio no peito. Foi preso e mandado recolher-se ao xadrez.
O ferido foi remetido para o hospital da Misericórdia.
De tarde para a noite, tornaram-se ainda mais raros os bonds. Muitos dos condutores que estavam servindo de cocheiros, receando qualquer agressão, como as de que já tinham sido vitimas alguns dos seus companheiros, abstiveram-se de continuar o serviço.
Às 8 horas da noite começaram a ser recolhidos os bonds da Companhia de S. Cristóvão.
Às 9 horas, já a cidade estava quase tranquila nos pontos onde anteontem se deram os maiores distúrbios, principalmente nas diversas ruas da cidade nova.
Durante todo o dia e noite de ontem os corpos de polícia, exército, marinha e de bombeiros conservaram-se de prontidão para garantia da ordem pública.
As guardas das estações policiais, dos arsenais de guerra e marinha estiveram reforçadas, sendo também dobradas as patrulhas das ruas.
Não regateamos louvores ao General Vasques, comandante do regimento policial e aos seus dignos oficiais, que foram ontem incansáveis nas providências do serviço público e especialmente nas ordens e recomendações para que os seus subordinados não se excedessem no modo de acalmar os grevista, como reclamamos.

O Doutor Chefe de Polícia interino conservou-se todo o dia e noite na sua secretaria, atendendo a quantos de sua autoridade reclamavam providências.
Durante os tumultos de anteontem a polícia fez muitas prisões:
Ao xadrez da 13ª Estação policial foram recolhidos José Lopes Velas e Francisco de Almeida Vidal, que estavam num grupo de cocheiros estacionado na Rua Conde D'Eu, e Francisco José Coelho, que tentou ferir com uma faca um soldado da Brigada Policial.
A 7ª Estação foram presos José Pereira, por vaiar cocheiros que conduziam veículos, Antônio Carlos Ferraz da Cunha, por incitar praças do Exército a que atacassem a estação de bonds e Henrique José Vieira por tentar arrancar trilhos na Rua da Gamboa.
A detenção foram recolhidos Felix José Ribeiro, Augusto Teixeira Senra, Bernardo José Pacheco, Luiz José Antonio, Francisco José da Rosa, Manoel Trindade, João Francisco Barbosa e muitos outros cocheiros que agrediam os de bonds, atirando-lhes projetis.
A 2ª Estação policial foram recolhidos 25 indivíduos, que faziam grande desordem e arrancavam trilhos dos bonds, agredindo mesmo a força pública.
Anteontem a noite um grupo de carroceiros fez grande desordem na Rua de Santa Ana, por ocasião da passagem de um bond da Companhia Carris Urbanos, e sendo repelido evadiu-se.
Do conflito saiu ferido o soldado João José Vaz, da Brigada Policial.
A hora que escrevemos, 1 ½ da manhã, reina completa paz nos diversos pontos da cidade. Oxalá continue ela de agora em diante pra honra dos que tão irrefletidamente se deixaram iludir com prejuízo dos seus próprios interesses.

No edifício onde funciona a Estação de Bonds da Companhia S. Cristóvão, no Largo de S. Francisco de Paula, reúnem-se hoje, as 8 ½ da manhã, um grupo de moços de boa sociedade, que pretendem oferecer gratuitamente os seus serviços, como cocheiros, para manter o trânsito dos bonds das diversas companhias, que disso precisarem.